

“TAMARADA OU TAMARINDEIRO”: NARRATIVAS QUE SURGEM DO COTIDIANO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Gustavo Alves Oliveira¹
Fernanda Silva Santos²
Mayana Abreu Pereira³
Elenice de Brito Teixeira Silva⁴

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compreender as linguagens e ações desenvolvidas pelas crianças em narrativas do cotidiano da Educação Infantil. A pesquisa desenvolvida é de abordagem qualitativa, no qual os membros foram observadores participantes em uma turma de crianças do 3º período de uma escola municipal de Educação Infantil - EMEI, do município de Guanambi, localizado no território do Sertão Produtivo da Bahia. O grupo social estudado é composto de 25 crianças, sendo 16 meninos e 09 meninas, com idades entre 03 e 04 anos. A Escola Municipal de Educação Infantil – Proinfância é participante do Programa Residência Pedagógica (PRP) – subprojeto do curso de Pedagogia, vinculado ao Observatório da Infância e Educação Infantil da Universidade do Estado da Bahia (ObEI) - UNEB. Os resultados foram gerados a partir do que foi vivenciado, registrado e avaliado do cotidiano na EMEI. Para este fim, foram feitas análises de anotações do diário de campo, das fotos e vídeos, além de produção de narrativas do cotidiano acerca dos contextos de experiências a partir da curiosidade e do cotidiano da turma. Neste trabalho, ressaltamos a importância da docência compartilhada na Educação Infantil, tendo em vista a criação de contextos que promovam interações, brincadeira e descobertas, processo que exige tempo, escuta sensível, olhar atento e modos diversos de registro, interpretação e planejamento das ações pedagógicas.

Palavras-chave: Crianças, Educação Infantil, Narrativas do cotidiano, Residência Pedagógica.

PESQUISAR O COTIDIANO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

No Brasil, o termo “narrativas do cotidiano” pode ser entendido como acontecimentos vivenciados sobre o dia a dia (cotidiano) de diferentes sujeitos. Assim, na Educação Infantil, é bastante comum ver professores(as) utilizar deste meio de escrita para produzir e, ao mesmo tempo, propiciar contextos de interações e experiências às crianças. Sobre isto, Smith e colaboradoras (2009, p. 181) afirmam que a narrativa “é um aspecto prioritário do

¹ Graduando do curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia, *Campus* XII. Bolsista voluntário do Programa Residência Pedagógica na Educação Infantil. E-mail: oliveiragustavo9999@gmail.com

² Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia, *Campus* XII. Bolsista CAPES no Programa Residência Pedagógica na Educação Infantil. E-mail: fs910629@gmail.com

³ Professora da Rede municipal de Ensino do município de Guanambi, BA. Graduada em Pedagogia e especialista em Educação Infantil. E-mail: mayanahorrana@hotmail.com

⁴ Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora Assistente do DEDC - *Campus* XII/UNEB. E-mail: ebtsilva@uneb.br

desenvolvimento a ser possibilitado na escola infantil, pois envolve a comunicação e a ludicidade, a socialização e a construção da identidade”. Desse modo, fica evidente a importância das narrativas na construção do desenvolvimento integral da criança.

A partir dos estudos e pesquisas conseguimos compreender que, através da narrativa as crianças expressam suas emoções, interagem com os diferentes pares e se tornam protagonistas das suas próprias ações. O Observatório da Infância e Educação Infantil da Universidade do Estado da Bahia (ObEI) – UNEB, *Campus XII*, tem defendido uma concepção de narrativa do cotidiano como uma abordagem pedagógica de que as crianças fazem e comunicam nas relações sociais e como estes conteúdos culturais veiculam modos de perceber, imaginar e expressar suas vivências – unidade com o meio social e o conjunto das práticas que construímos com elas e oportunizam desenvolvimento cultural humano.

Este estudo compartilha as experiências e vivências construídas por meio do Programa Residência Pedagógica, em uma instituição de Educação Infantil do município de Guanambi, BA, tendo como objetivo compreender as linguagens e ações desenvolvidas pelas crianças em narrativas do cotidiano da Educação Infantil. A escolha por investigar narrativas do cotidiano na Educação Infantil partiu da curiosidade de entender de que forma as crianças se apropriam dos diversos contextos de interações nos diferentes espaços. Diante disso, as experiências significativas adquiridas no percurso e construção da pesquisa, justifica a ideia da escrita desde trabalho. Desse modo, analisaremos uma narrativa que surgiu a partir de um momento de interação das crianças com o pé de tamarindeiro.

TRILHANDO UM PERCURSO

A pesquisa ocorreu no município de Guanambi, localizado no território do Sertão Produtivo no Estado da Bahia, Nordeste do país, tendo como espaço de investigação uma turma de 3º período. O grupo social estudado é composto de 25 crianças, sendo 16 meninos e 09 meninas, com idades entre 03 e 04 anos, em uma Escola Municipal de Educação Infantil – Proinfância, participante do Programa Residência Pedagógica (PRP) – subprojeto do curso de Pedagogia da UNEB, *Campus XII*.

Este estudo se deu a partir de uma abordagem qualitativa dos dados da pesquisa de campo, no qual os membros foram observadores participantes no espaço investigado. Sendo assim, tal pesquisa envolveu os seguintes procedimentos: observação participante e análise do diário de campo, fotografias e vídeos.

A observação participante ocorreu em um período de dois meses (junho a agosto de 2023), durante dias não consecutivos no turno vespertino. Foi a partir desta observação que percebemos a importância de analisar e compreender o cotidiano e a rotina das crianças na EMEI, bem como interpretar as ações e relações estabelecidas na brincadeira, falas e gestos da turma. Com isso, fizemos anotações no diário de campo sobre as interações, modo de brincar, espaços e materialidades que as crianças brincam.

A partir do que foi vivenciado, registrado e avaliado do cotidiano na EMEI, foi feita análises dessas anotações do diário de campo, das fotos e vídeos, além de produção de narrativas do cotidiano acerca dos contextos de experiências a partir da curiosidade e do dia a dia da turma. Além disso, utilizamos por meio de pedagogias da infância, a escuta sensível e a documentação pedagógica para que as narrativas se tornassem instrumento teórico-metodológico na construção desta pesquisa. Sendo assim, tais procedimentos foram essenciais para desenvolver o objetivo do nosso trabalho. É válido ressaltar que os instrumentos citados foram utilizados, respeitando a ética da pesquisa, uma vez que o projeto foi aprovado no Comitê de ética em pesquisa da UNEB.

CONSTRUINDO NARRATIVAS

Ao adentrar os espaços coletivos de cuidado e educação, percebemos a grandiosidade que é dialogar com bebês e crianças, principalmente pela possibilidade de criar oportunidades de interações e brincadeira, e ao mesmo tempo, vivências que ficam registradas nas narrativas. Desse modo, é a partir do cotidiano dessas crianças da Educação Infantil que buscamos, por meio de um olhar e escuta sensível, compreender como as mesmas se relacionam e demonstram suas aprendizagens, em momentos dentro e fora da sala referência, na brincadeira, e também nos momentos de exploração acerca dos contextos de experiências.

Diante isso, surgem importantes problematizações: Como a narrativa é construída? Como os diferentes contextos ajudam na interação e aprendizagem das crianças? A partir destas questões, e autores/as (BENJAMIN, 2012; FOCHI, 2019; OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2019; SILVA e BRITO, 2023) compreendemos que a narrativa se constrói a partir da escuta sensível com as crianças, pois elas se tornam protagonistas deste momento, se comunicando por meio de histórias narradas e contadas sobre algo que lhes chamaram atenção. Sobre as mini histórias, Fochi (2018, p. 37), afirma que “são narrativas breves que contam episódios da vida cotidiana. Podem ser realizadas semanalmente e afixadas em local visível para as famílias. Pode ser uma estratégia para ir contando a respeito do grupo ao longo

de um ano de trabalho”. Em nosso grupo de Residência Pedagógica, adotamos a abordagem de narrativa do cotidiano por compreendermos que se trata de um gênero textual que descreve o contexto criado pelos adultos e crianças e os modos de ação social e linguagens produzidas pelas próprias crianças, narrando experiências vividas, documentando e atribuindo significados para o que acontece.

Para isso, o(a) professor(a), deve auxiliar e, ao mesmo tempo, proporcionar espaços planejados a partir de intencionalidades, que rememora e constrói memórias de uma realidade vivenciada pelas crianças. Com isso, é necessário que tais memórias sejam registradas, analisadas e interpretadas pelo(a) professor(a), para que possam ser trabalhadas em outros momentos de atividades, de acordo com o que for observado. Além disso, as narrativas são memórias coletivas que podem ser compartilhadas com as próprias crianças, suas famílias e demais adultos da EMEI.

No dia a dia da EMEI foram utilizados diversos instrumentos para registrar as vivências das crianças em formas de narrativas do cotidiano, como: fotografias, vídeos, áudios e anotações, que consideramos essenciais para a construção de materiais. Esses instrumentos já foram discutidos por outros autores (FOCHI, 2019) como parte da abordagem da documentação pedagógica, com o intuito de propiciar ao educador analisar, refletir e pensar de forma reflexiva as atividades do cotidiano pedagógico. Sobre isto, Fochi diz que:

São dois os processos coexistentes que envolvem a estratégia da Documentação Pedagógica: um está relacionado ao modo como o professor planeja, organiza e cria estratégias de aprendizagem e o outro está relacionado à forma como torna visíveis as aprendizagens das crianças. Portanto, o processo de comunicar as experiências das crianças na escola é um dos pilares que estruturam a Documentação Pedagógica [...] (FOCHI, 2019, p. 62).

Desta maneira, a documentação pedagógica é um forte instrumento para tornar visíveis as narrativas dos bebês e crianças da Educação Infantil, pois revelam suas ações e suas trajetórias, tornando-as protagonistas na construção da aprendizagem mediada pelo(a) professor(a). Diante isto, Oliveira-Formosinho (2019), defende que a documentação pedagógica comunica o processo educativo de todos(as) que participam, pois

Documenta-se para conhecer a criança, para vê-la pensar, sentir, fazer, aprender. Documenta-se para criar e mostrar outra imagem de criança. Cria-se material de grande autenticidade porque se refere à vivência, à experiência de cada criança e do grupo. Usa-se esse material para projetar a ação educacional, para partilhar com as famílias e com a organização, para monitorar o cotidiano de ensino e sua relação com as aprendizagens das crianças, para fazer investigação praxiológica (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2019, p. 122).

Ademais, tais recursos são indispensáveis para narrar às vivências dos bebês e crianças a partir de experiências do cotidiano de um grupo seja ele coletivo, ou não, visto que as linguagens e ações se fazem presentes na forma de investigar e analisar os saberes que são evidenciados através das falas, gestos, expressões, participações e representações estabelecidas pelas crianças.

O PÉ DE TAMARINDEIRO NO PÁTIO DA EMEI: O QUE NARRAM AS CRIANÇAS?

Nesse trabalho, buscamos analisar registros das narrativas que surgiram enquanto as crianças brincavam, e ao mesmo tempo, mostravam interesse pelo tamarindeiro que se encontra no pátio da EMEI. Dessa forma, conseguimos observar, cotidianamente, o quanto as crianças se empolgavam quando se aproximavam do tamarindeiro. A professora conversava com as crianças sobre o interesse e insistência nessa aproximação ao tamarindeiro e na experimentação do tamarindo ainda verde. Como parte da abordagem pedagógica da EMEI, a professora narra em escrita à exploração e experimentação inicial no pé de tamarindeiro que ela interpretou como uma curiosidade das crianças por aquela árvore e promoveu diversos outros contextos de experimentação, observação, pesquisa e representação do tamarindeiro e seus frutos.

Ao longo dos dias, não só a professora-preceptora, como também os cinco residentes presentes na turma perceberam que a brincadeira e demais ações das crianças estavam sendo realizadas entorno ao pé de tamarindeiro. E esse interesse fica evidente em suas narrativas, conforme trecho seguinte registrado em um contexto criado pela professora com a intencionalidade de promover a degustação do suco do tamarindo.

Figura 01: Narrativa “O suco do tamarindo”



Em uma tarde de calor, chego à EMEI e fico sabendo da novidade pela professora. Seria o dia de experienciar e experimentar o tão sonhado e aguardado suco de tamarindo feito pelas crianças. Logo então, começou toda a diversão. Me sento junto às crianças para ajudar no preparo do suco. Então Vinicius me questiona: - Tio, tio o que é isso dentro da água? Prontamente o respondo: - É aquela fruta que vocês colheram pela manhã, Vini . Você se lembra qual fruta é? Vinicius sussurra: - É tamarindo. De repente, uma das professoras se junta à conversa e pergunta: - O tamarindo tá igual ou diferente daquele que descascamos pela manhã, Vinicius? Vinicius: - Meu Deus tia, tá diferente. Lá de longe João Miguel fala, bem alto: - Olha o caroço. Vinicius o confronta: - Não, é a semente. [...]. Então chega o momento de todos experimentarem o suco de tamarindo. Vou até Vinicius e pergunto: - Como está o suco? Vinicius responde fazendo careta: - Tá doce! [...]. Ao experimentar e deliciar o suco de tamarindo, as crianças saem da sala com destino ao pé de tamarindeiro.

Fonte: Elaboração dos autores, 2023.

O que a narrativa evidencia são as formas de como as crianças vão se apropriando e conhecendo as diferentes maneiras de usar o tamarindo, bem como reconstrói suas vivências e criam outras a partir das possibilidades que a professora oferece. Evidencia, ainda, como as crianças relacionam conteúdos sociais, como o de preparação de alimentos, partes da planta, sabores, texturas e comunicam seus modos de perceber com outras pessoas. Propiciar diferentes contextos de experiências e interações às crianças é de fundamental importância, pois oportuniza a comunicação das singularidades individuais e do coletivo, assim como, demonstra uma atitude de escuta e acolhimento das falas e gestos das crianças como expressão da participação naquele grupo.

Além disso, as diferentes linguagens apresentadas pelas crianças durante o cotidiano da EMEI indicam o interesse e curiosidade pelo mundo natural à sua volta, como por exemplo, pelo pé de tamarindeiro. Goulart e Mata (2016), discutem em seu estudo, as diferentes linguagens das crianças, o que elas falam e como falam revelando referências da realidade. Assim, “[...] as falas das crianças são reveladoras dos seus modos de ser, pensar e agir. Por meio da linguagem, as crianças dão forma ao conteúdo das experiências infantis” (GOULART; MATA. 2016, p. 62).

Durante o dia a dia da EMEI, tanto no período vespertino, quanto matutino foi perceptível à constância da temática tamarindo na brincadeira das crianças. O interesse se intensificava a medida que elas exploravam o pátio e passavam perto do tamarindeiro. Era nítida a curiosidade e engajamento para conhecer e compreender mais sobre o pé de tamarindo. Dessa forma, a professora e residentes planejaram diversos contextos a partir do desejo das crianças, dentre eles o contexto intitulado “meu tamarindeiro”. Neste contexto,

surge o seguinte diálogo, quando um dos residentes questiona se as crianças conhecem o processo do plantio do tamarindo:

Figura 02: Narrativa “Meu tamarindeiro”



Ao chegar ao contexto previamente preparado no espaço do solário, converso (Gustavo) com as crianças sobre como se dá o processo do tamarindo, mostrando a elas as imagens colocadas na parede e o cartaz escrito o nome do contexto.

- Será que nome está escrito aqui, Caio, João?

João Lucas logo fala: - É tamarada.

Caio discorda: - tamarinda.

Com isso, começo a falar sobre isto: - Se goiaba vem da goiabeira, limão do limoeiro, tamarindo vem do?

Logo as crianças completam: - Tamarindeiro.

[...]

Quando as crianças encheram o copo com terra e, em seguida, acrescentaram a água, surgiu uma curiosidade. Todo atento, olhando o amigo molhar a terra, Caio nos pergunta:

- Tia, tio, por que a água tá borbulhando?

Achamos essa pergunta interessante e uma residente (Fernanda), responde:

- Sabe Caio e João quando, tá borbulhando assim é porque a terra tá seca e quando parar é porque a terra já tá bem molhadinha.

Caio olhando atento fala: - Então, a minha ainda tá seca.

[...]

Quando eles percebem que a terra já está bem molhada, surge outra questão sobre o cheiro da terra.

João, sentado ao lado de Caio, diz: - A terra tem cheiro de bosta, tia. Isso é bosta de cavalo?

A residente conversa sobre isto: - Não João. Isso é esterco de vaca. A vaca faz cocô e a gente mistura com terra e vira adubo para as plantas, que ajuda no crescimento delas.

Ele diz: -Ah tia!

[...]

João e Caio ficam animados e pedem para continuar com o plantio, nos mostrando que entenderam todo o processo do pé do tamarindeiro.

Fonte: Elaboração dos autores, 2023.

Nesta narrativa, percebemos que as crianças criam suas hipóteses acerca do nome “tamarindo”, manifestando o interesse pela cultura do escrito, além de ficarem curiosas a respeito do processo e dos instrumentos usados para o plantio. Quando alimentamos a curiosidade das crianças, possibilitamos que suas vivências sejam ampliadas e (re) significadas, e que novas descobertas surjam durante suas brincadeiras. Assim a criação de campos de experiências para as crianças oportuniza que narrem suas trajetórias e aprendizagens, suas ideias e confrontam com ideias de outros na interação.

Podemos destacar que quando se registra as falas, gestos e ações das crianças damos visibilidade às suas trajetórias no cotidiano da creche, bem como suas experiências trazidas de casa, e propiciamos que apreciem seus percursos de aprendizagem e criem memórias. Em contato com os registros, as crianças rememoram e descrevem suas experiências, manifestando novas opiniões e atribuindo novos significados às suas vivências, valorizando suas memórias. Assim, fica nítida a importância do registro na construção de práticas da educação da infância, pois dá subsídios para o professor e a professora acompanhar e registrar

interpretações e reflexões sobre as crianças, narrando e tornando visível a construção de suas aprendizagens.

Com isso, transcrever as falas das crianças se faz importante tanto para as crianças, quanto para os(as) professores(as), pois esses registros tornam suas experiências e vivências do cotidiano legítimas, além de oportunizar que estes se expressem e se vejam através das próprias narrativas.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A experiência da escrita desde artigo acerca de narrativas do cotidiano, presentes em uma unidade PROINFÂNCIA, foi essencial na construção de diversos saberes, principalmente como instrumento teórico-metodológico, visto que possibilitou aos residentes e preceptora uma escuta e olhar sensível e diversificado sobre o cotidiano das crianças da Educação Infantil. Então, salientamos que ser professor(a), é ao mesmo tempo ser sujeito de conhecimento e autoria, pois compreender linguagens e ações das crianças por meio de narrativas é essencial no processo formativo de ambos. Dessa forma, ressaltamos a importância da docência compartilhada na Educação Infantil, como acontece por meio do Programa Residência Pedagógica, tendo em vista a criação de contextos que exigem pensar o espaço, tempo e a seleção de materiais, bem como o tempo e relações que possibilitem observação e registro qualificados. Por fim, a observação participante, os registros do diário de campo, áudios, vídeos e colaboração entre a professora-preceptora e residentes foi essencial na construção desta pesquisa, uma vez que, conhecer, ouvir e compreender os que as crianças narram é de grande importância para a construção de práticas diversificadas na Educação e na formação de futuros(as) professores(as).

AGRADECIMENTOS

Finalizamos nosso trabalho, agradecendo todas as instituições que fizeram com que tal pesquisa acontecesse. Em especial, a CAPES, pelo financiamento de bolsas aos discentes de Pedagogia. Também agradecemos a Escola Municipal de Educação Infantil Edite Maria Lima Ramos no município de Guanambi, BA, pela parceria e por receber os residentes nas salas referências e arredores da instituição. Agradecemos o Observatório da Infância e Educação Infantil (ObEI), grupo de estudo e pesquisa da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, *Campus XII*, pelos encontros formativos e por toda a orientação necessária acerca da

pesquisa das vivências do cotidiano de crianças da Educação Infantil. E, por fim agradecemos a colaboração da professora Mayana Abreu, juntamente com a professora Dr^a Elenice de Brito, pelo apoio necessário.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas** - Volume I. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Walter Benjamin, tradução Sérgio Paulo Rouanet. 7^o edição. São Paulo: Brasiliense. 2012.

BRASIL. Ministério da Educação - Secretaria de Educação Básica. Documentação Pedagógica: concepções e articulações - caderno 2. Organização: Paulo Sergio Fochi. Brasília: MEC / UNESCO, 2018 - 44 p.

GOULART, Cecília. MATA, Adriana Santos da. **Linguagem oral e linguagem escrita: concepções e interligações**. In: Brasil. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. Linguagem oral e linguagem escrita na educação infantil: práticas e interações / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica.- 1.ed. - Brasília : MEC /SEB, 2016.

FOCHI, Paulo Sérgio. **A documentação pedagógica como estratégia para a construção do conhecimento praxiológico: o caso do observatório da Cultura Infantil - OBECI**. Tese. São Paulo, 2019.

SMITH, Vivian Hamann; *et al.* **Contextos e Parceiros do Narrar de crianças na Escola Infantil**. Psicologia: Reflexão e Crítica, 22(2), p. 181 – 190. 2009.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia. A documentação pedagógica: Revelando a aprendizagem solidária. In: OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia; PASCAL, Christiane. Documentação pedagógica e avaliação na Educação Infantil: Um caminho para a transformação. Porto Alegre: Penso, p. 111 – 134. 2019.